



Carta ao cultivo da aliança vital

Letter [to](for) the cultivation of the vital alliance

Cafira Zoé ¹

1. poeta, artista visual y multiartista de teatro na companhia teat(r)o oficina uzyna uzona. bolsista cnpq com mestrado em curso no núcleo de estudos da subjetividade (psicologia clínica), na puc-sp. e-mail: cafirazoe@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6737-1904>.

Resumo |

há 86.400 minutos, e subindo, habitamos, desajeitadxs, um estado de vida pandêmico. desde que a fina camada de segurança da vida humana na terra foi furada por um agente biológico, habitamos o assombro. é certo, as forças não-humanas, geológicas, animais, vegetais, anímicas, minerais, estelares, planetárias, os vírus e as bactérias, a rebentação dos vulcões e das marés, estão tocando sinos em baladas cada vez mais fortes: o alarme vital da terra apita. para reorientar a bússola é preciso chacoalhar. o movimento retoma seu curso, mas para onde? no eco do tempo há uma voz que nos diz: é preciso cuidar das profilaxias da terra. com as mãos lavar a terra, segurar o céu e lavar o medo. é preciso manter-se em tesa suspensão. estar prestes! no teatro se encarnam as entidades do mundo que atravessam as épocas, os corpos e a peste, criando novos mundos, imaginando, experimentando e interpretando a vida a partir do fogo dos que vieram antes de nós e dos que nos esperam adiante. só se existe em ATO. no brasil muitas vidas estão agora sob grande ameaça. o estado assume sua ação em políticas de morte. todos os povos que neste momento, e desde há muito, pulsam suas existências e se insurgem contra as violências institucionais estão sob a mira da extinção, do apagamento, do desaparecimento forçado. os povos da cultura, seus operários, os povos do teatro, das artes, também são foco de extermínio e soterramento. para atravessar este pântano, será preciso invocar, e ao mesmo tempo encarnar, a sabedoria das alianças e das confluências, como os rios correm juntos em direção aos vales. fazer parentes, lutar-junto, criar-junto é agora uma tecnologia política e uma máquina de guerra, contra a guerra. malditas sejam todas as cercas nos apartam do poder da nossa força coletiva, malditas sejam todas as cercas que nos separam da urgência vital de nos alinharmos na potência das nossas diferenças, criando um campo magnético de multiplicidades, de subjetividades, de memórias, de qualidades de luta, horizontais, que se entrelaçam no fronte contra todas as asfixias. é hora. este é um chamado às alianças vitais.

Palavras-chave: Alianças vitais. Insurreição. Confluências. Povos de teatro. Cosmo-subjetividades. Brasil pandêmico.

Abstract |

86,400 minutes ago, and rising, we inhabited, awkwardly, a pandemic state of life. since the thin layer of security of human life on earth was pierced by a biological agent, we have inhabited amazement. it is true, non-human, geological, animal, plant, soul, mineral, stellar, planetary forces, viruses and bacteria, volcanoes and tides breaking, are ringing bells in increasingly strong ballads: the vital alarm the earth beeps. to reorient the compass it is necessary to shake. the movement resumes its course, but where to? in the echo of time there is a voice that tells us: it is necessary to take care of the prophylaxis of the earth. with your hands plow the earth, hold the sky and wash away fear. it is necessary to remain in tense suspension. be about! in the theater, the entities of the world that go through the ages, the bodies and the plague are incarnated, creating new worlds, imagining, experiencing and interpreting life from the fire of those who came before us and those who await us ahead. only if it exists in ATO. in brazil, many lives are now under great threat. the state takes its action on death policies. all the peoples that, at this moment, and for a long time, pulsate their existences and rise up against institutional violence are under the aim of extinction, erasure, forced disappearance. the peoples of culture, their workers, the peoples of the theater, the arts, are also the focus of extermination and burial. to cross this swamp, it will be necessary to invoke, and at the same time incarnate, the wisdom of alliances and confluences, as the rivers flow together towards the valleys. making kinships, fighting-together, creating-together is now a political technology and a war machine, against war. cursed be all the fences that separate us from the power of our collective strength; cursed be all the fences that separate us from the vital urgency to align ourselves in the power of our differences, creating a magnetic field of multiplicities, of subjectivities, of memories, of qualities of fight, horizontal, that intertwine on the forehead against all asphyxiation. it's time. this is a call to vital alliances.

Keywords: Vital alliances. Insurrection. Confluences. Theater peoples. Cosmo-subjectivities. Pandemic Brazil.



Fig. 1: Ato pela Democracia, em 04 de Abril de 2016. Arquivo do Teatro Oficina.

esta carta se chamaria manifesto, mas foi preciso chamá-la carta, para driblar as seduções das ferramentas de lacração ego-exposto discursivas: essa nova estética para falar neste tempo e que, aparentemente, não conseguiu se dissolver em meio a epidemia mundial que pede: aliança.

com esta carta, não fazemos coro nem à radioatividade das políticas humanas na terra, nem à reatividade estéril, que choca mas não cria. a partir de agora, não queremos fechar nada, pelo contrário, clamamos pelas aberturas amplas e irrestritas do pensamento e da ação de todos os poderes sociais constituídos, e também dos poderes espirituais, micropolíticos, ancestrais, humanos e não-humanos, assentados.

a cultura no brasil agoniza, e com ela seus operários: forças cultivadoras da arte, da terra e da vida.

no brasil pandêmico, junto ao agente biológico covid-19, um agente de necromancia pratica a produção compulsória de políticas para morte, e suas mãos geram dor, esquecimento e violência.

práticas de solidariedade em rede têm ganhado cada vez mais fôlego para conter o avanço de uma contaminação em massa e estabelecer parâmetros mínimos de saúde, alimentação e amparo financeiro aos povos no brasil que sangram a violência de estarem submetidos a um governo de práticas genocidas.

por isso, precisamos não nos submeter, e para isso será preciso inventar junt_s as condições que permitam a retomada da vida nas nossas mãos e a criação de forças, alianças, espaços, coletivos, e mesmo instituições regidas pela potência da autonomia, da criação coletiva, da anarquia coroada de viver junto, de lutar junto, de criar junto, sem o perigo das hierarquias.

neste momento de grande fragilidade é urgente atentar às práticas de vitalidade, aos cuidados de si e de tod_s.

atuar ao lado da cultura neste momento, ao lado d_s trabalhador_s do teatro, da música, das artes, da poesia, da literatura, das imagens, da imaginação, é também uma urgência de saúde pública para toda a população. para combater a pandemia, será preciso medicina - não só a ocidental, mas a dos povos da terra, e também plantas, ciência, novas tecnologias, interpretação, imaginação, poetas, artistas, crianças, rios, cosmopolíticas e teatro.

neste, momento, os povos do teatro agonizam a falta completa de horizontes. mas se não há horizonte, será preciso criá-lo. o teatro é a arte ligada ao poder da presença, da experimentação e da interpretação da vida. não estar em cena agora fere de assombro os artistas dessa arte e também a cultura brasileira. a terra fica cada vez mais plana quando deixamos agonizar os teatros, os museus, os slams, a ciência, artistas, tecnoartistas, bárbar_s tecnizad_s, iluminador_s, pimbins, videoartistas, operador_s de som, sonoplastas, figurinistas, cenografistas, arquitet_s cênic_s, atrizes-atores, diretor_s, cenotécnic_s, cuidador_s das companhias de teatro, dramaturg_s... há um circuito gigantesco na máquina teatral que está agora completamente desamparado, e as projeções de abertura e retomada para estes trabalhos são assustadoras.

nós não estamos falando da casta das artes, dos grandes salários, da estabilidade assentada nos horários nobres da máquina TV. estamos falando da carne perto dos ossos, do tutano da criação artísticas que gira a máquina teatral, de cada um de nós.

criar um fundo emergencial para a classe teatral é uma urgência de saúde e sanidade pública, uma questão política e social, e deveria ser uma preocupação emergencial com a vida que virá no revés desta pandemia; e para criá-la como quem gesta um mundo novo outra vez, será preciso ciência, educação e cultura. e para ter ciência, educação e cultura, será preciso imaginação, experimentação e arte. o teatro, desde as antigas tragédias, é máquina de guerra contra todas as pestes. aniquilar a cultura, que é o cultivo da vida, é medida primeira de governos autoritários. também a peste da má política, que contamina o brasil, a peste do esmagamento da vontade, do desejo, da criação e da liberdade, precisa ser urgentemente combatida; esse também é o caminho para atravessar essa pandemia, assim também criamos bolsões de saúde e cura dos povos e dos espaços.

que os museus clamem pelos teatros.

que as artes plásticas levantem flâmulas pelos operários das artes da vida em cena.

que curadores criem redes de apoio pelos povos do teatro e que pratiquemos juntos a curanderia da vida contra a asfixia da arte. que os muros entre as artes caiam agora e não existam mais artes maiores, pois seremos todos microcosmicamente gigantes, se juntos, e fortes, se perto.

que a cultura aponte a direção futura, gestando um novo plano político horizontal, autônomo, generoso, criador de simbioses e alianças.

invocamos lina bo bardi, flávio império, flávio de carvalho, stela do patrocínio, oswald de andrade, arthur bispo do rosário, invocamos antonin artaud, as bacantes, não de eurípedes, mas delas mesmas; invocamos os corpos híbridos, a composição das forças, os metá-metá.

não nos dirigimos aos zumbis-políticos, nem aos reclamatórios-compulsivos, também não falamos aos robôs-embutidos.

nos dirigimos a todos os estratos sociais, políticos, institucionais, coletivos, públicos e privados, ao corpo humano coletivo e ao corpo cósmico que nos ampara, à quem importa o cultivo da vida, e àquel_s que detêm a sapiência vital de que a cultura é infraestrutura das reviravoltas e insurreições importantes para a proteção da vida.

não permitam que a força teatral colapse no meio desta pandemia.

não permitam o choque séptico no corpo coletivo da classe artística.

a luta pela vida só vingará se coletiva.

este é um chamado para uma rede de solidariedade cultural autônoma, forte como os corais que agora respiram nos mares.

nada será como antes

este é também um momento de grande fertilidade para retomada da política nas mãos dos povos.

só se existe em ATO.



Fig. 2: Imagem do espetáculo Roda Viva, de Chico Buarque, na montagem do Teatro Oficina, dirigida por José Celso Martinez Corrêa. Foto de Jennifer Glass, 2019.

Submetido em: 11/06/2020

Aceito em: 21/06/2020